|  |  |
| --- | --- |
| **ROTEIRO** | **MATERIAIS** |
| **Introdução – (10 min.)**   * Lembrar que o ciclo de oficinas é orientado pelo lema 2015: “Famílias e Escola: promover o diálogo, construir parcerias”. (falar o lema em coro) * Fazer memória da oficina anterior, perguntando o que foi mais marcante, se lembram das atividades e dos objetivos do encontro. O/a coordenador/a faz comentários sobre a avaliação da 2ª oficina. Fazer memória da 1ª oficina – o/a coordenador/a destaca a idéia das novas configurações de família que foram trabalhadas, como fundamentais para a construção desta oficina. | Síntese da avaliação da oficina anterior. |
| **Apresentação dos objetivos – (05 min.)**  **Objetivos:**   * Identificar algumas situações de conflitos que envolvem crianças, adolescentes, responsáveis e agentes escolares; * Ressignificar a maneira de olhar as relações entre família e escola; * Propor estratégias de aproximação entre famílias e escola. | Cartaz com cada um dos objetivos |
| **1º MOMENTO: Sensibilização (60 min.)**   * Organizar 3 grupos para realizar um esquete representando uma reunião de pais. * Cada grupo receberá uma tarefa diferente. O primeiro grupo representará os atores da escola, o segundo representará os familiares e o terceiro grupo irá observar o esquete.   TAREFA PARA O GRUPO 1   * Personagens: 2 professores da turma, orientadora pedagógica, orientadora educacional, diretora, 1 inspetor/a. * **Situação**: um grupo de alunos da turma 505 está “tocando terror” na escola. São brigas constantes entre eles e com alunos de outras turmas, muitos xingamentos. Enfim, o clima de violência na escola está insuportável. Além disso, os professores não conseguem dar aula e o rendimento desses alunos é baixíssimo. Cansada de receber reclamações destes alunos, de fazer encaminhamentos que não surtem efeito, a orientadora educacional e a diretora resolveram convocar uma reunião com os responsáveis dos/as alunos/as identificados como os pivôs do problema. * Orientação: o grupo terá 5 min. para planejar a reunião - como será a abordagem, os assuntos a serem tratados, quem vai conduzir a reunião, etc.   TAREFA PARA OS INTEGRANTES DO GRUPO 2 – preparação individual   * Você vai incorporar um personagem: um pai/mãe/responsável “real”. Alguém com quem você já dialogou ou viveu algum conflito, que conhece um pouco da história e que tem um filho ou filha problemático/a, daqueles que “tocam terror na escola”. * Sua tarefa é pensar como esse familiar se comportaria em uma reunião de pais e procurar internalizar suas atitudes, sentimentos, problemática de vida. * Você tem 5 minutos para, sozinho, pensar que pessoa (pai ou responsável) você será durante a reunião que foi convocada pela escola. Deixe aflorar em você este personagem.   TAREFA PARA O GRUPO 3 – preparação contextualizada pelo/a coordenador/a   * O papel deste grupo é observar atentamente o desenrolar da cena, para tecer comentários no final da apresentação do esquete. Registre seus comentários na ficha de observação   Questões para orientar sua observação:   1. Identifique atitudes e comportamentos manifestados em cada um dos grupos que dificultam/facilitam o diálogo e a aproximação entre eles. 2. O que você mudaria na condução desta reunião de pais no sentido de melhorar o diálogo família/escola? 3. Que orientações poderiam ser dadas para promover o diálogo e a parceria entre família/escola?   EM PLENÁRIA:   1. Perguntar aos atores que representaram as famílias como se sentiram: sentiu medo/raiva/enfado quando foi convocado para a reunião; foram tratados com respeito; sentiram-se à vontade para dar opiniões. 2. Perguntar para os atores que representaram a escola: promoveram um clima acolhedor que favoreceu a participação; sentiram-se respeitados; atingiram os objetivos da reunião (porque sim/porque não). 3. Argumentação do grupo observador: cada observador apresenta seus comentários segundo o roteiro de observação. 4. Fechamento pelo/a dinamizador/a: fazer uma síntese das falas, valorizando os aspectos que favorecem a relação família/escola. Sugerir alguns aspectos fundamentais para esta relação:  * Considerar que conflito existe, é difícil e não deve ser negado; * Estar disposto a fazer o exercício de se colocar no lugar do outro para ver o problema sobre outro ponto de vista; * Buscar sempre as **positividades** dos estudantes e das famílias; * Promover sempre um espaço respeitoso, criar clima acolhedor, quando em contato com as famílias; * Planejar reuniões onde os pais possam falar de suas inquietudes, preocupações, sobre o que pensam sobre a escola e dar sugestões; * Aproveitar os assuntos levantados nas reuniões para conhecer melhor o contexto sociocultural dos estudantes, para repensar a escola e suas ações no que diz respeito à relação com as famílias. | Cópia com as tarefas dos grupos.  Anexo 1  Grupo 1:  (10 cópias)  Grupo 2:  (15 cópias)  Grupo 3  (15 cópias) |
| **2º MOMENTO: Aprofundamento – (60 min.)**   1. **Entrevista**  * Apresentar a entrevista Família e Escola Integradas para a Aprendizagem (DVD 7 – segmento inicial). O programa Roda de Conversa foi concebido pela MAGISTRA (Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores) em parceria com a SEE/MG, disponível em www.youtube.com/magistraeemg. * Apresentar a entrevista – (+/-16 min.) A cada bloco temático parar e abrir para diálogo: Estamos de acordo com os pontos de vista das entrevistadas? Gostaríamos de discordar em algum aspecto? Temos alguma opinião para complementar a discussão?   A entrevista discute 4 aspectos da relação família/escola:   * Papel de educar – visão histórica * Função social da família e da escola e suas especificidades * Jogo de “empurra” - culpabilização/busca de parceria * Incentivo à participação da família/diálogo   **2- Texto:**   * Organização de grupos para leitura e discussão do texto: *“Famílias e escola na contemporaneidade: (re)pensando as relações”*   Questões para orientar a discussão sobre o texto:   1. Identificar os entraves e as possíveis soluções para conflitos entre famílias e escola apontadas no texto. 2. Destaque uma ideia do texto que trouxe uma nova e significativa maneira de entender a relação entre famílias e escola.  * Plenária: Cada grupo apresenta a síntese de suas conclusões, tendo como referencia as questões apresentadas.  Música: “Ponto de Vista” – Casuarina (sobre como ressignificar o olhar em relação ao outro). http://letras.mus.br/casuarina/1976803/#radio:casuarina | CD com a entrevista  Cópia do texto – anexo 2  Copias da letra da música e CD |
| **4º MOMENTO: Compromisso – (15 min.)**   * O/a coordenador/a antecipa dois dos objetivos da 4ª oficina: “Caminhos para diálogos e parcerias” e distribui a proposta/compromisso para o próximo encontro, animando os participantes a apresentarem experiências significativas da relação família/escola.   Objetivos da 4ª oficina:   1. Compartilhar experiências significativas que favorecem as relações famílias e escolas; 2. Identificar características de boas práticas para ampliação de diálogos e parcerias entre família e escola, na perspectiva da educação em direitos humanos;  * Cada participante leva para a sua escola a proposta de identificar experiências significativas envolvendo as relações famílias/escola, para serem apresentadas no dia da 4ª oficina. * Na escola, junto com os/as colegas que se envolveram no desenvolvimento da experiência, identificar que características esta experiência possui para podermos chamá-la de uma boa prática e decidir a forma de apresentar a experiência na 4ª oficina (vídeo, texto, música, relato, etc.) | Filipeta com o compromisso.  Anexo 3 |
| **5º MOMENTO: Avaliação – (10 min.)** | Cópias da avaliação – Anexo 4 |

**ANEXO 1** – Dinâmica inicial

|  |
| --- |
| **REPRESENTAÇÃO DE UM ESQUETE**  **GRUPO 1** – preparação em grupo**:**   * **Personagens**: 2 professores da turma, orientadora pedagógica, orientadora educacional, diretora, 1 inspetor/a. * **Situação**: um grupo de alunos da turma 505 está “tocando terror” na escola. São brigas constantes entre eles e com alunos de outras turmas, muitos xingamentos. Enfim, o clima de violência na escola está insuportável. Além disso, os professores não conseguem dar aula e o rendimento desses alunos é baixíssimo. Cansada de receber reclamações destes alunos, de fazer encaminhamentos que não surtem efeito, a orientadora educacional e a diretora resolveram convocar uma reunião com os responsáveis dos/as alunos/as identificados como os pivôs do problema. * **Orientação**: o grupo terá 5 min. para planejar a reunião - como será a abordagem, os assuntos a serem tratados, quem vai conduzir a reunião, etc. |

|  |
| --- |
| **REPRESENTAÇÃO DE UM ESQUETE**  **GRUPO 2** – preparação individual   * Você vai incorporar um personagem: um pai/mãe/responsável “real”. Alguém com quem você já dialogou ou viveu algum conflito, que conhece um pouco da história e que tem um filho ou filha problemático/a, daqueles que “tocam terror na escola”. * Sua tarefa é pensar como esse familiar se comportaria em uma reunião de pais e procurar internalizar suas atitudes, sentimentos, problemática de vida. * Você tem 5 minutos para, sozinho, pensar que pessoa (pai ou responsável) você será durante a reunião que foi convocada pela escola. Deixe aflorar em você este personagem. |

|  |
| --- |
| **OBSERVAÇÃO DE ESQUETE**  **GRUPO 3** – preparação em grupo contextualizada pelo/a coordenador/a   * O papel deste grupo é observar atentamente o desenrolar da cena, para tecer comentários no final da apresentação do esquete.   **Questões para orientar sua observação:**   1. Identifique atitudes e comportamentos manifestados em cada um dos grupos que dificultam/facilitam o diálogo e a aproximação entre eles. 2. O que você mudaria na condução desta reunião de pais no sentido de melhorar o diálogo família/escola? 3. Que orientações poderiam ser dadas para promover o diálogo e a parceria entre família/escola? |

**ANEXO 2** - TEXTO

**Famílias e escola na contemporaneidade: (re)pensando as relações[[1]](#footnote-2)**

A escola tem vivenciado profundas crises nos últimos anos provocadas por questões de diferentes ordens e fatores. A impressão que temos é que o rumo a ser tomado é incerto. Nesta realidade complexa, é cada vez mais recorrente ouvir os profissionais da educação se queixarem da ausência das famílias na escola, e pouco refletirem sobre o tipo de relação que se estabelece entre essas duas instituições.

1. Escola/família – entre o público e privado

Não podemos desconsiderar a existência de fronteiras e hierarquias rígidas entre famílias e escola, seus interesses compartilhados e os conflitos existentes entre as expectativas de cada uma dessas instâncias. O que pretendemos afirmar aqui é que uma instituição não substitui a outra, nem pode condicionar seu dever de educar a atuação da outra. Talvez este seja um dos principais entraves na relação entre famílias e escola, ou seja, a crença que há entre ambas uma solução de continuidade e que deva haver sempre harmonia em suas preocupações. A família age a partir de seus interesses, que são do âmbito privado. Já a escola age em nome do interesse público. Entre esses dois domínios — o público e o privado — pode haver zonas de interseção, porém há muitas zonas de conflito. O grande desafio que se apresenta a uma sociedade complexa e multifacetada como a nossa é ser capaz de lidar com os conflitos de forma aberta, considerando o outro como igual em dignidade e direito.

1. Famílias desestruturadas?

A sonhada parceria entre família e escola, quando essas se encontram, afloram algumas acusações nas quais muitas vezes os pais responsabilizam os/as professores/as pelo não aprendizado dos alunos, enquanto os/as professores/as culpam grande parte dos pais/responsáveis pelo não-aprendizado e insucesso dos alunos sob o argumento de que as famílias são “desestruturadas”. Neste sentido, acreditamos ser preciso chamar atenção para as nuances imbricadas neste tipo de classificação dada às famílias, sobretudo, às provenientes de classes sociais menos favorecidas. Se pensarmos nas condições com as quais essas famílias vivem e/ou sobrevivem diante das dificuldades econômicas provenientes de uma distribuição de renda desigual e da negligência do Estado para com os seus direitos sociais, podemos considerá-las, de fato, “desestruturadas”. Entretanto, o julgamento de valor que considera a família desestruturada está atrelado a um ideal familiar (pai, mãe, filhos), que destoa da realidade e desconsidera toda uma questão social e política por trás deste. Consideramos, portanto, que menosprezar a família, classificando-a como desestruturada, incapaz ou desinteressada, é negar-lhe o direito de ser um sujeito político. Ao mesmo tempo em que dobrar-se a seus desejos e expectativas é negar à escola o seu ponto de vista específico, o seu direito de ser um sujeito político. Resta-nos, pois, a difícil tarefa de mediar o conflito pela palavra comprometida com o acordo ou ao menos com a transparência, quando este for inviável.

1. Desinteresses e abandono?

Precisamos desconstruir também as interpretações apressadas e injustas com relação aos baixos resultados escolares dos/as alunos/as justificado pela ideia de desinteresse dos pais pela escolaridade dos filhos, sobretudo, se forem famílias de camadas populares. Há uma diferença entre “desinteresse”, que supõe negligência voluntária e “delegação”, que é o produto de uma distância social da instituição, do que se faz ali, de suas peculiaridades, etc. O que pode acontecer, é que estes pais não estejam em situação favorável para se interessar pela escolaridade de seus filhos. Em muitos casos, esses adultos não dominam o repertório de práticas, saberes e informações que podem ajudar seus filhos no desempenho escolar e ainda que o dominem, muitas vezes, não têm tempo para ajudá-los por conta da jornada de trabalho que enfrentam. Esse tipo de julgamento aos quais se imputa de forma apressada o “abandono” educativo é tipicamente etnocêntrico[[2]](#footnote-3). São necessárias, de fato, muitas condições sociais favoráveis (econômicas, culturais, familiares) para que se tenha um universo familiar orientado para o interesse escolar da criança. Quando ouvidos, os pais oriundos de classes sociais menos favorecidas, podem manifestar o desejo de verem seus filhos e filhas “se saírem” melhor do que eles. Em outras palavras, não ignoram que a escola seja um degrau importante para essa ascensão social, por menor que seja. Neste sentido, eleger como modelo ideal o padrão das classes médias escolarizadas e, a partir dele, fazer juízos morais sobre as famílias pobres é atribuir ao problema um contorno ideológico e suprimir o grave desafio que se coloca para a escola pública que atende os alunos oriundos desses segmentos socioculturais.

1. Assimetria na relação

Precisamos nos atentar para as condições favoráveis na relação entre famílias e escola. Quando limitamos o sentido de parceria às reuniões informativas e esporádicas de pais, deixamos de perceber algumas questões denunciantes desta assimetria estabelecida na relação. As reuniões são espaços públicos, formais e legítimos de expressão com os quais as pessoas mais desprovidas de escolaridade não costumam estar dispostas a serem confrontadas. Ir a essas reuniões e tomar a palavra em público não é tarefa fácil quando se tem o sentimento de não ser legítimo. Neste sentido, precisamos buscar outros modos de contato com as famílias onde o respeito e a solidariedade sejam a base.

São muitas as vantagens na construção desta relação. Os pais podem aprender muito com a escola, desde que esta não tenha a pretensão de ensiná-los, como se fossem adultos incapazes, mas sim, reconhecendo-os como cidadãos e trabalhadores, limitados pelo contexto em que se desenvolveram e por aquilo que com ele puderam fazer, assim como todos nós. Da mesma maneira, a escola também pode aprender com os pais, com o seu olhar sobre os alunos que são seus filhos; sujeitos singulares, que não podem ser reduzidos aos adjetivos sociais (favelados, órfãos, etc.) com os quais costumamos classificá-los. Assim, as famílias podem ajudar um/a professor/a a descobrir quem é aquela criança/jovem que a ele se apresenta como aluno/a.

Não negamos que são vários os desafios que se colocam para a desconstrução de um ideal de relação onde a hierarquização, as assimetrias e o poder sejam o centro. Somente após este exercício é que podemos vislumbrar a possibilidade de sermos mais felizes no possível diálogo com as famílias de nossos/as alunos/as. Neste sentido, acreditamos que, para modificar alguns aspectos dessa relação, é preciso que os profissionais envolvidos na educação aceitem que seu saber educativo não pode distanciar-se do saber das famílias nem se colocar acima dele. Convergência e aproximação dos saberes parece ser uma importante estratégia para a construção de relações de confiança mútua e cooperação entre a família e a escola, compartilhando um mesmo projeto educativo. Também é preciso que as escolas considerem seus alunos e suas respectivas famílias em suas múltiplas dimensões, e busque compreendê-los como sujeitos históricos provenientes de diferentes contextos, o que os faz heterogêneos. Resta à escola aceitar o desafio, considerando que seus alunos jamais comporão um grupo homogêneo, e que suas famílias são o que são e é isso que a escola deverá aprender a fazer: enfrentar e trabalhar a realidade tal qual ela se apresenta e não como gostaria que fosse.

**Questões para discussão em grupo:**

1. Identificar os entraves e as possíveis soluções para conflitos entre famílias e escola apontadas no texto.
2. Destaque uma ideia do texto que trouxe uma nova e significativa maneira de entender a relação entre famílias e escola.

**ANEXO 3** - Compromisso

|  |
| --- |
| **Objetivos da 4ª oficina:**   * Compartilhar experiências significativas que favorecem as relações famílias e escolas; * Identificar características de boas práticas para ampliação de diálogos e parcerias entre família e escola, na perspectiva da educação em direitos humanos;   TAREFA:   * Cada participante leva para a sua escola a proposta de identificar experiências significativas envolvendo as relações famílias/escola, para serem apresentadas no dia da 4ª oficina. * Na escola, junto com os/as colegas que se envolveram na tarefa, identificar que características esta experiência possui para podermos chamá-la de uma boa prática e decidir a forma de apresentar a experiência na 4ª oficina (vídeo, texto, música, relato, etc.) |

**ANEXO 4** – Avaliação

**AVALIAÇÃO**

1. Identifique em que medida os objetivos propostos para a oficina foram atingidos. Marque um X na coluna correspondente:

1 – Atingiu plenamente / 2- Atingiu parcialmente / 3- Não atingiu

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| OBJETIVOS PROPOSTOS | 1 | 2 | 3 |
| * Identificar algumas situações de conflitos que envolvem crianças, adolescentes, responsáveis e agentes escolares; |  |  |  |
| * Ressignificar a maneira de olhar as relações entre família e escola; |  |  |  |
| * Propor estratégias de aproximação entre famílias e escola. |  |  |  |

2. Avalie os aspectos listados abaixo, marcando as opções:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| ASPECTOS | MUITO BOM | REGULAR | PODE MELHORAR |
| Conteúdo |  |  |  |
| Textos e Materiais |  |  |  |
| Atividades e Dinâmicas |  |  |  |
| Participação do Grupo |  |  |  |
| Participação Pessoal |  |  |  |
| Coordenação |  |  |  |

3. Esta oficina trouxe alguma contribuição para ajudar na relação com as famílias dos/as alunos/as? Qual?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

4. Em sua opinião, o que faltou nesta oficina para aprofundar a discussão sobre o tema?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. Este texto é uma adaptação livre da entrevista com José Sérgio Fonseca de Carvalho a Revista Pátio, Junho 2013; Número 17. Disponível em: <https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/8905/uma-relacao-de-interesses-comuns-e-conflitos.aspx>; do artigo Três Observações sobre as Famílias Populares e a Escola de Bernard Lahire, publicado na Revista Pátio, Junho 2013; Número 17 e do artigo Famílias e escola: um encontro de relações conflituosas publicado em *Sitientibus,* Feira de Santana, n.37, p.27-45, jul./dez. 2007. [↑](#footnote-ref-2)
2. **Etnocentrismo**é um conceito da **Antropologia** definido como a visão demonstrada por alguém que **considera o seu grupo étnico ou cultura o centro de tudo**, portanto, num plano mais importante que as outras culturas e sociedades. Uma visão etnocêntrica demonstra, por vezes, desconhecimento dos diferentes hábitos culturais, levando ao desrespeito, depreciação e intolerância por quem é diferente, originando em seus casos mais extremos, atitudes preconceituosas, radicais e xenófobas. [↑](#footnote-ref-3)